



ORACULA 4.8 (2008)
ISSN: 1807-8222

DESCOBRINDO A TEOLOGIA DE PAULO

Resenha de: CROSSAN, Jonh Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007, 423 p. ISBN: 9788535619775.

Alex Sandro F. Nunes & Luana Martins Golin*

Jonh Dominic Crossan é professor emérito da DePaul University, Chicago, considerado um dos principais pesquisadores na área do Jesus histórico e da exegese do Novo Testamento. Jonathan L. Reed é professor de Novo Testamento e Origens Cristãs na University of La Verne, Califórnia, e uma das principais autoridades sobre a arqueologia palestina do primeiro século.

O livro *Em Busca de Paulo* é uma obra escrita em conjunto pelos dois autores e que propõe uma abordagem histórica da biografia e escritos do apóstolo Paulo utilizando-se de descobertas arqueológicas recentes. A divisão do livro em sete capítulos nos revela as contraposições entre a teologia imperial romana e a teologia paulina.

Antes de apresentar as principais teses desenvolvidas pelos autores ao longo dos capítulos é preciso atentar para as fontes. Paulo é apresentado por Lucas em Atos dos Apóstolos e por ele mesmo nas sete cartas de sua autoria, a saber: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemon. Os autores orientam a uma

* Alunos do 8º semestre do Curso de Bacharel em Teologia da Universidade Metodista de São Paulo.

análise crítica do livro de Atos e a uma maior confiabilidade nos próprios escritos paulinos. Lucas, “*embora conheça muitos pormenores corretos, localizações adequadas e seqüências de viagens, parece não se preocupar com os propósitos, as intenções e os significados enfatizados por Paulo em suas cartas*” (p. 36). Lucas não reconhecia Paulo como apóstolo, mas o enxergava como um missionário. Esta redução lucana da autoridade paulina neutralizou e harmonizou divergências existentes entre Paulo e os outros líderes cristãos de seu tempo. Os autores recomendam: “*onde Lucas discorda de Paulo (deixe isso de lado), se acrescenta sua própria teologia à de Paulo (ponha isso entre parênteses), ou se faz Paulo pensar a sua própria teologia (guarde isso)*” (p. 105).

No primeiro capítulo, intitulado *Fé judaica e sociedade pagã*, os autores falam a respeito da influência judaica no império romano. Por volta do começo do terceiro século, o judaísmo foi a religião mais popular entre os pagãos e, portanto, rival e concorrente do cristianismo que buscava novos adeptos. Esta disputa gerou tensões entre as igrejas e as sinagogas. Através da arqueologia é proposta uma viagem à cidade de Afrodísia, no sudoeste da Turquia, e à ilha de Delos, no centro do mar Egeu, na Grécia. Embora estas cidades nunca tenham sido visitadas por Paulo contribuíram para entender aspectos relacionados a ele. Em Afrodísia nos é apresentado uma reconstrução do *Sebasteion imperial*, local composto por galerias que apresentavam cenas iconográficas de imperadores nus com características divinas.

Em Afrodísia, os achados arqueológicos mostraram ruínas de sinagogas judaicas da diáspora com a presença do que os autores vão chamar de “adoradores de Deus”. Esta categoria era composta de pagãos simpatizantes do judaísmo que não eram nem judeus, nem pagãos. Tais adeptos consentiam com o monoteísmo não icônico do judaísmo, freqüentavam as sinagogas e apoiavam os judeus, contudo não aderiam à circuncisão e às práticas judaicas. Os “adoradores de Deus” era o público alvo de Paulo na busca por novos adeptos para o cristianismo: “*Com o núcleo de simpatizantes em suas comunidades, tinha com ele seguidores que não eram judeus nem gregos, ou melhor, eram judeus e gregos ao mesmo tempo*” (p.45). Esta opção de Paulo o fez ser atacado tanto por judeus que não queriam perder seus adeptos simpatizantes quanto pelos pagãos que detestariam a idéia de ver outros pagãos convertidos ao cristianismo. Para estes simpatizantes convertidos, a nova fé em Cristo não acrescentaria em benefícios, mas em desfavores: “*como judeus, seriam reconhecidos, aceitos e protegidos por Roma, enquanto optando pelo cristianismo estariam seguindo um líder que fora executado pelos romanos. Não é preciso imaginar Paulo seguido de uma contramissão*” (p. 47).

Os judeus da diáspora eram mais numerosos nas terras fora da Palestina do que na Judéia e Galiléia. “*De um lado, os judeus preservavam as tradições e identidade. De outro, acomodavam-se à realidade e aceitavam ao mesmo tempo os benefícios da vida fora de Jerusalém e da terra natal*” (p. 59). A diáspora propiciou e favoreceu o contato entre as culturas e as religiões grega, judaica e romana. Roma influenciou as províncias dominadas e as províncias dominadas influenciaram Roma e seu panteão.

No segundo capítulo que tem por tema *Paulo, atraente ou desprezível?* Neste capítulo, os autores nos apresentam a paz augustana ou pax romana, a *pax por meio da vitória*, em contraste com a paz por meio de Cristo ou a *pax por meio da justiça e da igualdade*. O *Fórum de Augusto* é descrito como monumento paradigmático na compreensão da expansão do império por meio da guerra. Junto ao *Fórum*, encontrava-se o templo de Marte Ultor, deus da guerra, além de inscrições em pedras e moedas que faziam alusão a este tema. Os autores também nos falam sobre o altar da paz ou *Ara Pacis Augustae*. “*Augusto escreveu em seus Atos que ‘as vitórias asseguravam a paz’ (...) A pax romana não era mera qualidade estática ou simplesmente a ausência de guerra, mas busca dinâmica exigindo vigilância constante e desejo permanente de batalhar contra o inimigo*” (p. 100). A paz deveria ser construída e conquistada. Augusto era tido como o principal responsável pela *pax* do império, era responsável pelo estabelecimento da lei, da moral, além de ser considerado sacerdote.

Na segunda parte do capítulo, é apresentada a concepção de Paulo em relação à escravidão e ao patriarcado, tendo como base as sete cartas autênticas do apóstolo e não as que foram classificadas como pseudopaulinas e tidas pelos autores, até mesmo, como antipaulinas. A carta de Paulo a Filemon foi a base para a compreensão do conceito de liberdade e igualdade em Cristo. Paulo intercede pela liberdade de Onésimo porque não aceita a oposição entre um escravo e um senhor cristãos, para ele, ambos são iguais, tanto nas relações sociais quanto nas questões religiosas. “*O Paulo histórico opõe-se a qualquer tipo de superioridade, inferioridade ou desigualdade no cristianismo*” (p. 110). Esta afirmação é fundamentada através de textos bíblicos. 1 Co 7 fala de igualdade na família. 1 Co 11, embora pareça um texto patriarcal à primeira vista em decorrência do uso do véu pelas mulheres na igreja de Corinto, afirma de forma radical a igualdade entre o homem e mulher na assembléia. Na época, era comum o uso do véu por homens, tanto que Augusto cobria a cabeça com véu. Quando Paulo afirma que somente as mulheres deveriam usá-lo, inverte a ordem socialmente vigente e estabelece a diferença de gênero,

mas não a desigualdade. Em Rm 16, temos a igualdade no apostolado, inclusive de mulheres como Júnia, por exemplo.

Os escritos pseudopaulinos caminham na direção oposta das afirmações acima descritas em relação à igualdade. Colossenses 3.18-4.1 e Efésios 5.22-6.9 são textos que falam a respeito da submissão das mulheres aos maridos e dos filhos aos pais e são interpretados pelos autores como forma de desigualdade na família. 1 Tm 2.8-15 e 1 Co 14.33b-36 falam a respeito do silêncio da mulher na igreja, desta forma, acentuam a desigualdade feminina na assembléia e no apostolado, portanto, não estão de acordo com a teologia da igualdade apregoada pelo Paulo histórico. Esta nova interpretação proposta por Crossan e Reed abre caminhos para uma fé mais tolerante, inclusiva e igualitária. Ainda hoje, em alguns casos, a mulher é impossibilitada de exercer funções eclesíásticas de liderança como o pastorado, por exemplo, devido a interpretações distorcidas de tais textos. Por meio destes argumentos, pode-se dizer com mais confiabilidade qual era a diferença entre a teologia imperial romana e a paulina nestas concepções.

O capítulo três fala sobre a *Idade Áurea* do império na figura do imperador divinizado. “*A globalização macedônia no quarto século a.C. foi o protótipo da globalização romana no primeiro século da era cristã. Augusto seguiu Alexandre na idéia da divindade por meio da conquista do mundo*” (p. 124).

O culto ao imperador era o que mantinha a unidade do império: “*os fatores mais importantes para a manutenção da unidade do povo sujeito a Roma (...) eram os festivais cíclicos, os rituais comunitários, a persistência das imagens talhada em mármore e pedras, as orações e os sacerdócios dos templos imperiais*” (p. 136). O culto imperial oferecia aos pobres benefícios filantrópicos como teatro, jogos de gladiadores, comidas e bebidas sacrificadas aos ídolos, além de propiciar, ao mesmo tempo, a ambição das elites. A arqueologia tem descoberto vestígios do culto imperial nas cidades visitadas por Paulo, portanto, tal prática era comum e apreciada em sua época. A figura do imperador ficava impregnada na mentalidade dos súditos do império. Conta-se da existência de vinte e cinco a cinqüenta mil retratos de Augusto espalhado pelo império, fora os retratos de seus descendentes: Tibério, Calígula, Cláudio e Nero.

A cidade de Tessalônica na época de Paulo estava sob o domínio do imperador Cláudio e debaixo de todo o contexto acima descrito. Nesta cidade, Paulo sofreu resistência e oposição (cf. 1 Ts 3.1-4,6-7) por causa da sua mensagem. A idade dourada de Roma havia

trazido “paz” e “segurança”, mas Paulo diz que tudo isto não passava de ilusão. As afirmações de Paulo em 1 Ts 1.1: “*Paulo, Silvano e Timóteo à igreja de Tessalônica, em Deus Pai, e no Senhor Jesus Cristo. Graça e paz!*” e em 5.3: “*Quando as pessoas disserem: paz e segurança! Então, lhes sobrevirá repentina destruição (...)*” revelam forte oposição à teologia imperial. Afirmar que Jesus e não o imperador é o Senhor (*kyriós*) significava traição ao império. Paz e segurança eram o que Roma prometia e dava às províncias conquistadas, porém Paulo zombava e previa a queda da dinastia imperial. A situação se tornou ainda mais provocativa quando ele disse a respeito da vinda (*parousia*) do Senhor. Os cristãos tessalonicenses aguardavam a chegada (*parousia*) de Cristo e não de um imperador considerado divino.

Este capítulo apresenta a esperança escatológica na visão paulina sobre a transformação cósmica e a ressurreição do corpo. O tema da ressurreição foi compreendido por Paulo como transfiguração e transformação do corpo e não como espíritos desencarnados ou almas imortais, típico da cultura grega predominante da época. A ressurreição era vista como uma questão de justiça, quando os mártires seriam transformados em seus corpos que foram mortos pelo anúncio do evangelho (cf. 2 Macabeus 7.9-11). Ao afirmar a ressurreição dos mortos, Paulo trás um novo conceito em relação à teologia farisaica judaica a respeito da ressurreição. O judaísmo farisaico entendia a ressurreição como um momento ou instante *futuro* em que haveria a transformação dos corpos. Paulo vai proclamar que a ressurreição é um processo *presente*, iniciado quando Deus ressuscitou Jesus. A ressurreição de Cristo assume uma dimensão escatológica. Deus já começou a transformar o mundo em lugar de justiça e os frutos deste processo transformador podem ser vistos no cristianismo anunciado por Paulo, através da cooperação e a participação dos cristãos.

No capítulo quatro, os autores destacam as três etapas no processo de romanização entendidas como *Bênçãos para toda a Terra*, título do capítulo. A primeira “benção” destinava-se à construção de *estradas e portos* para o uso das legiões romanas nas rotas militares, no comércio e na comunicação entre as cidades e o império. A segunda “benção” investia no culto imperial através de *estátuas e templos*. A terceira “benção” diz respeito à construção de *aquedutos e banhos públicos*. Algumas cidades (Pompéia, Nicópolis, Antioquia e Cesaréia) foram escolhidas para exemplificar este processo.

Pesquisadores descobriram que o culto imperial era praticado também na região da Galácia e que muitas sinagogas da diáspora serviram como local de alforria de escravos. Aos escravos alforriados eram exigidas a honra e a participação na religião judaica. Pode-se pensar, então, que dentre os “adoradores de Deus” muitos fossem ex-escravos, ou seja, o público alvo que Paulo procurava “pescar” nas sinagogas.

Num segundo momento, os autores explicam a carta de Paulo aos Gálatas. “*A carta de Paulo aos Gálatas é ao mesmo tempo apologética e polêmica dominada por um tom amargamente reprovador e emocionalmente suplicante*” (p. 199). Os oponentes de Paulo não reconheciam sua autoridade apostólica, reprovavam o evangelho anunciado por ele e afirmavam a necessidade da circuncisão como parte da salvação. Diante das acusações e proposições dos gálatas, Paulo se defende ao utilizar cinco argumentos que são bem descritos no texto: o argumento histórico, o experiencial, o exegético, o batismal e o emocional.

O capítulo cinco destina-se a falar sobre *Deusas, deuses e evangelhos*, sobre a relação dos romanos com seus deuses. Em Roma, a religião era parte fundamental da política, portanto, era controlada pelo Estado. O império restringia manifestações que não lhe pareciam adequadas, ou seja, aquelas que ousavam agir fora de seu controle, por isso devoções à deusa Cibele e ao deus Baco foram reprimidas e patrulhadas.

O comportamento sexual normativo em Roma desenrolava-se segundo as relações de poder baseados em gênero, idade e status. Entre os romanos, a violência da conquista da guerra misturava-se com a violência da conquista sexual do mais fraco, geralmente a mulher, a escrava, o/a jovem. O homossexualismo era uma prática comum entre senhores e escravos, desta forma, o escravo era subjugado sexualmente por seu senhor. O poder masculino se sobrepunha ao poder feminino na questão da religião e da sexualidade. Havia entre os romanos as *virgens vestais*, sacerdotisas que serviam no templo; os *galli*, sacerdotes castrados ou eunucos, tidos pelos romanos como seres inferiores incapazes de manter os critérios masculinos de sexualidade marcados pela penetração e pelo controle. Era comum a representação de falos diante de templos, mansões e casas mais modestas porque estes simbolizavam o poder, a proteção e a fecundidade. “*Os homens subiam de status ao exercer poder e ao subordinar outros, na cama ou no campo de batalha*” (p. 247).

Em relação a Paulo, este capítulo fala a respeito de sua prisão em Éfeso onde escreveu a carta de Filemon e Filipenses. Afirma que Paulo não ficou numa prisão comum e que esteve acompanhado por Epafras. Os sofrimentos vivenciados pelo apóstolo revelaram seu lado místico. Paulo sofria por estar *em Cristo* e sentia-se co-participante dos sofrimentos de Jesus. A afirmação de Gl 2.20: “*e vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim*” revela a profundidade desta relação e compromisso do apóstolo com Deus. O Deus apresentado por Paulo se esvazia (*kenosis*) de si e se revela na fraqueza, na forma de servo (Fp 2.5-11). Em contraste a este Deus, temos o imperador que se revela na força, na glória, na dominação e na vitória: “*César e Jesus foram destinados à filiação divina, mas enquanto César a aceitava como dominação, Jesus a recebia como crucificação*” (p. 223).

O capítulo seis refere-se às questões relacionadas à Ceia do Senhor descritas em 1 Co 11.17-34. O título do capítulo é uma pergunta: *que e quem controla o banquete?* Paulo teve problemas em Corinto porque nesta cidade a igualdade cristã apregoada por ele conflitava com a hierarquia vertical, baseada nas relações patronais entre os romanos, considerada normal pelos coríntios. As observações arqueológicas desenvolvem interpretações que nos ajudam a entender o modelo de sociedade desta época e seu espaço público de convivência. Segundo a análise, o primeiro tipo de sociedade tratava-se de um modelo *patronal* cuja teologia moral pressupunha benefícios, bens e serviços dados por intermediários influentes. Em contrapartida, o outro modelo era o *universal*, cuja teoria ética concedia benefícios por meio da concessão de servidores competentes. Em resumo, o sistema patronal romano era o mais conveniente nesta época e o resultado disso era a aquisição de espaços, ofícios, encontros e refeições públicas.

Os autores apresentam descobertas arqueológicas que revelam como se davam as refeições nos templos e nas casas gregas e romanas da época. Nos templos, animais eram sacrificados e comidos pela população que seguiam o sistema do patrocínio, por isso, nos banquetes havia divisões de acomodação, de classe e do tipo de alimentação. Havia diferenças de lugares na hora da refeição, enquanto os mais abastados comiam nas melhores acomodações, outros comiam nas áreas de serviço. Na eucaristia de Corinto “*em vez de refeição comunitária, cada um comia sua própria porção, de tal maneira que os mais abastados comiam e bebiam melhor do que os mais pobres*” (p. 308). Para Paulo, a refeição da Ceia celebrada entre os coríntios estava distante do significado da partilha, da igualdade e da comunhão entre os participantes, por isso, exorta esta igreja (1 Co 11.17-34).

A ressurreição (cf. 1 Co 15) também é explicada neste capítulo. O conceito de *ressurreição do corpo* era contrário ao conceito grego de *imortalidade da alma* em que o corpo era tido como o cárcere do espírito. A ressurreição está relacionada com a justiça de Deus, com a transformação cósmica de toda a criação e não apenas com a transformação pessoal. As questões referentes aos dons espirituais em 1 Co 12-14 dizem respeito à unidade e à diversidade concedidas por Deus através do Espírito Santo.

O último capítulo intitulado *O mundo sob a Justiça divina* preocupa-se em explicar, principalmente, a carta de Paulo aos Romanos, escrita por volta do ano 50 d.C. Os autores nos falam a respeito das expulsões dos judeus que ocorreram em Roma e como era a vida dos habitantes, incluindo os cristãos, que viviam naquela cidade.

“O ideal da unidade humana sob a justiça divina é a base da teologia paulina da história em Romanos” (p.361). O livro de Romanos é dividido em três blocos. No primeiro bloco (Rm 1-8) temos a *unidade de pagãos e judeus* na necessidade de justificação, pois ambos “*pecaram e destituídos estão da glória de Deus*” (cf. Rm 3.23). Neste bloco são discutidos os temas como justiça, justificação, graça, fé, obras, lei, pecado e morte. Um segundo bloco apresenta a *unidade de judeus e cristãos* de acordo com Rm 9-11. A tese de Paulo nestes capítulos se resume em afirmar que o judaísmo é a raiz do cristianismo, portanto, os cristãos-pagãos foram enxertados nos ramos da oliveira, símbolo do judaísmo (cf. Rm 11.17) e por isso não devem se vangloriar. O terceiro bloco (Rm 12-16) apresenta a *unidade de judeus-cristãos*, grupo considerado fraco por ainda seguir algumas práticas judaicas, e os *pagãos-cristãos*, grupo considerado forte por não seguir tais práticas. Paulo faz a estes dois grupos um apelo ao respeito e à unidade e insiste que os fracos não devem julgar os fortes e vice-versa.

Ao final do capítulo, a morte de Paulo é discutida. Sabe-se que o martírio do apóstolo Paulo se deu sob o governo de Nero, porém, a questão é saber *quando* e *como*. Para alguns estudiosos Paulo foi à Roma, de lá viajou para a Espanha onde teria escrito as epístolas consideradas no livro como pós-paulinas e retornou à Roma onde morreu como mártir junto com Pedro. Os autores não acreditam nesta hipótese e propõe que Paulo, Pedro e muitos outros cristãos morreram em decorrência do incêndio provocado por Nero em 64.

Na obra “Em Busca de Paulo”, John Dominic Crossan e Jonathan L. Reed oferecem, por meio de suas pesquisas, uma nova reflexão literária sobre o tema da teologia paulina a partir da contribuição das modernas técnicas da arqueologia. Assim, a apresentação desta pesquisa demonstra um apurado estudo sobre questões paulinas que podem ser de grande contribuição para as interpretações exegéticas contemporâneas do Novo Testamento. Entendemos que a relevância desta obra também se faz por sua fácil assimilação da linguagem utilizada pelos autores, unida a uma forma simples de interpretação do conteúdo arqueológico. Outra observação é a apresentação visual da obra, de boa qualidade e aparência, propiciando ao leitor um interesse maior pela sua aquisição.

Mas em meio a estes pontos positivos entendemos que há alguns pressupostos que precisam ser aprimorados no que se refere à tradição bíblica. Citamos a questão do conhecido cenário de Atos-Lucas sobre o evento da cegueira de Paulo, que não foi tratado com muita profundidade no texto. Devido à chave de leitura proposta por eles, os autores se preocuparam em oferecer perspectivas relacionadas mais ao mundo imperial do que à própria teologia dogmática paulina. Contudo, isso não significa que a obra deixa de ter valor expressivo para as áreas de pesquisas, visto que “*sem examinar a arqueologia da teologia imperial romana [não se pode entender] a exegese da teologia cristã paulina*” (p. 8).

A partir destas observações, recomendamos a leitura desta obra para aqueles que gostam de apreciar novas perspectivas e de ampliar seus horizontes de conhecimento, haja vista a importância da interdisciplinaridade na pesquisa.